

A AULA, A PRESENÇA E O ESPAÇO MATERIAL: compreensões analítico-discursivas sobre os sentidos de aula em tempos de Coronavírus

CLASSROOM, PRESENCE AND MATERIAL SPACE: analytical-discursive understandings about the meanings of class in times of Coronavirus

Diego Henrique Pereira¹

¹Pós-doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade. Doutor e Mestre em Ciências da Linguagem. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí, diegopereira@univas.edu.br

Recebido em 16 de Março de 2023; Aprovado em 17 de Abril de 2023

RESUMO: Discutir questões acerca dos sentidos de aula e da presença, tendo como condições de produção a pandemia da Covid-19 é que este texto se edifica; objetivando por meio da Análise de Discurso Francesa Pecheutiana, analisando as discursividades produzidas por diferentes recortes que retomam memórias que significam tanto a Educação, quanto o modo de seu funcionamento na sociedade. Pelo pressuposto da opacidade da linguagem, este artigo desestabiliza a linearidade que polariza os sentidos da presença, mostrando possibilidades outras de significações – movimentos alvoraçados do interdiscurso face ao dizer – tensionando o mesmo e o diferente pela/na ordem da enunciação.

Palavras-chave: Educação, Covid-19, Aula, Análise de Discurso, Presença.

ABSTRACT: Discussing questions about the meanings of class and presence, having the Covid-19 pandemic as production conditions, is what this text is built on; aiming, through Pecheut's French Discourse Analysis, to analyze the discursivities produced by different clippings that resume memories that mean both Education and the mode of its functioning in society. Based on the assumption of the opacity of language, this article destabilizes the linearity that polarizes the senses of presence, showing other possibilities of meaning – agitated movements of interdiscourse in the face of saying – tensioning the same and the different pel/in the enunciation order.

Keywords: Education, Covid-19, Class, Discourse Analysis, Presence.

INTRODUÇÃO

Como ponto principal do presente artigo, proponho a reflexão sobre movimentos e discursos produzidos sobre a Educação na/pela pandemia do Coronavírus, que assola a nossa sociedade desde 2020. Tivemos, desde seu início, uma reverberação de questões polêmicas no âmbito da saúde, da tecnologia, da política, do governo, enfim, questões que sempre atravessaram a Educação como um processo social – hiato produzido sócio historicamente –, potencializado pelos efeitos do vírus mortal.

Grande parcela da população mundial em idade escolar foi afetada com a pandemia, levando a um consenso entre pesquisadores e profissionais: “temos um prejuízo de dimensões incalculáveis neste setor”, como afirma o Boletim Macrofiscal do Ministério da Economia do Brasil (2021).

A análise do Ministério da Economia vai ao encontro da perspectiva do tempo que esses sujeitos ficaram/ficarão afastados dos bancos escolares e assim, do atraso dessas pessoas no ingresso ao mercado de trabalho. Sobre o aprendizado, o boletim destaca que o “impacto negativo da pandemia no aprendizado dos alunos não é homogêneo na população”,

justificando que houve alternativas substitutas ao modelo convencional de ensino (BRASIL, 2021).

Passaram-se 600 dias de pandemia, anunciados no dia 30 de setembro, pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro em discurso na cidade de Belo Horizonte (2021) e sofremos, na Educação, impactos severos, mesmo vendo o retorno gradual ou total das atividades acontecerem nas cidades de todos os Estados brasileiros. Mas este é o movimento de retorno ao “novo normal” que vinha, há tempos, sendo almejado pela sociedade em geral. Voltemos um pouco aos aspectos que nos levaram à migração obrigatória ao *online* e que, separaram a comunidade escolar entre os que poderiam e os que não poderiam mais, ter contato com os conteúdos ministrados ou repassados nessa modalidade.

Entre as restrições impostas pela pandemia e que foram trazidas pelo vírus Sars-CoV-2, de alta proliferação e contaminação, estudantes e população em geral, ao redor de todo o mundo foram altamente afetados. Órgãos como a UNESCO, acompanham e contabilizam a influência que a COVID-19 causa entre a faixa etária que compreende jovens e adolescentes e no ano de 2020, quase 65% das instituições

educacionais estavam fechadas no mundo todo, representando em números, um bilhão de estudantes sem frequentar os bancos escolares.

Em um cenário de grande mobilização social e crise, há palco para a disputa de sentidos, cujas múltiplas forças sociais e históricas produzirem cenas discursivas passíveis de análise. A Análise de Discurso de viés Pecheutiano e Orlandiano, assim, é território para compreendermos melhor as formações discursivas que emergiram em um momento inicial, para que houvesse a decisão sobre como ficaria a questão da Educação no país, na busca da “fabricação do consenso” (ORLANDI, 2010, p. 6) nesse cenário de crise.

EDUCAÇÃO E PANDEMIA: MOVIMENTOS E DERIVAS

A pandemia de Covid-19 pode ser compreendida como acontecimento discursivo, noção que implica, de acordo com Pêcheux (2015, p. 17), o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, pois discursos foram produzidos em relação à pandemia de Covid-19, retomando dizeres de pandemias anteriores, mas, onde estaria a diferença entre elas? Estas, residem na forma de contágio e no tempo da doença que são distintos, porém, o Coronavírus, por sua vez, teve seu funcionamento a partir do pano de fundo do digital e suas

discursividades, dando maior visibilidade aos abalos sanitários, médicos, sociais, políticos, econômicos e, refletiu na estrutura familiar em forma de emprego, renda e acesso à Educação/escolarização da população. Isso nos possibilita afirmar que, embora a sua letalidade seja menor do que as pandemias anteriormente citadas, esta é a pandemia que mais impactou a humanidade desde a gripe espanhola.

Arrasados por um quadro de inexistência de opções farmacológicas, sob orientação da Organização Mundial de Saúde e de instituições internacionais de pesquisa, adotaram-se medidas de contenção das formas de contágio e assim, iniciamos o isolamento social.

Quando considerada a magnitude, escola é uma das primeiras instituições contempladas por medidas sanitárias e de saúde, por ser um ambiente que mantém grande número de pessoas em seu interior por um longo período de tempo, e, mal começara o ano letivo de 2020 no Brasil e as aulas presenciais foram suspensas em decorrência da pandemia e suas incertezas. Os educandos então, são afastados das instituições educacionais e das salas de aula, mas isso não significaria que estes, seriam afastados do ensino, tomado com

diferentes aplicações e interpretações, a partir de então.

Já no início da pandemia, diversas cidades providenciaram seus Decretos e foram também modificadas as atividades econômicas, tornando irreconhecíveis as cidades e todos os outros espaços sociais. Campanhas sociais ganham espaço nas mídias e o pedido: “fique em casa” ganha força. O barulho das cidades foi transformado em silêncio e os setores iniciaram as reflexões sobre como continuar suas atividades.

O *online*, tão comentado como algo voltado a um futuro próximo (mas não tanto) às instituições educacionais torna-se a realidade ou a possibilidade da educação no mundo todo. A memória metálica, apresentada por Orlandi, apareceria então enquanto ilusão de possibilidade infalível de contemplar a educação e a continuidade da construção do conhecimento, sendo esta, uma memória (a metálica) que "lineariza, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições" (1996, p.16). Cristiane Dias (2016) esclarece que, essa ilusão de uma memória infalível é produzida por demonstrações técnicas de que a tecnologia não falha e de que as suas

possibilidades são inesgotáveis e se expandem a cada dia.

Os primeiros dias após a suspensão de atividades escolares foram desconcertantes e muitas questões afetavam a comunidade educacional: O que seriam essas atividades fora do espaço escolar? Seria mantida uma forma didática, fora desse espaço? Os profissionais possuem aparatos para comunicação e envio de atividades e transmissão de aulas? Os alunos possuirão acesso às atividades?

O acontecimento da pandemia, conforme aponta Orlandi (2021, p.3) “domina as discursividades, sobretudo, no que dizemos, para a metaforização dessa ameaça global”. De uma hora para outra, são anunciadas atividades escolares disponibilizadas por professores e aqueles que possuem maiores habilidades com o digital, conseguem migrar para as transmissões de suas aulas, criam canais, plataformas e redes sociais, no efeito de viabilizar a interação com seus alunos. Em meio ao isolamento social, esse fenômeno mobilizou e estimulou educadores a buscarem melhor *performance* em atividades didáticas *online* e no manuseio das ferramentas digitais. Debates, palestras e atividades *online* ficam à disposição, e, aliado a isso,

muitas plataformas tornam seus conteúdos gratuitos, a fim de mostrarem as potencialidades de todas as ferramentas disponíveis na tentativa de aproximar alunos e professores. A ideia era utilizar da tecnologia para conectar os sujeitos que estavam isolados em suas casas, efeito que desloca pela assimetria socioeconômica da população brasileira.

A pandemia produziu efeito de evidências sobre desigualdades sociais no mundo inteiro e no Brasil, foi possível que acompanhássemos o panorama do que estava acontecendo em nosso país: as pessoas perderam a renda e o sustento, a vulnerabilidade aumentou e em desespero, muitas pessoas não puderam acatar a orientação de isolamento social. Além das desigualdades, a exclusão digital pôde ser acompanhada, pois praticamente metade da população continua sem acesso à *internet* e seus aparatos, ou tem esse acesso instável e limitado no país. Dito isso, é possível destacar que um número elevado de estudantes não pôde estudar nos moldes anteriores durante a pandemia. Assim, conforme destaca Dias (2018, p.9), é sempre imprescindível que vejamos as relações entre os sujeitos e o digital para “além do utilitário dos sistemas de aplicativos que facilitam a vida, a circulação dos dizeres e armazenamento

das memórias. Essa compreensão passa pela sobredeterminação do político ao econômico, ao consumo, ao mercado de dados” e em relação ao político, Orlandi (1998) nos aponta, o sentido é sempre dividido.

No Brasil embora o parecer nº 5/2020 “[...] orientasse a realização de atividades pedagógicas não presenciais enquanto persistirem restrições sanitárias, garantindo ainda os demais dias letivos mínimos anuais/semestrais previstos no decurso” (BRASIL, 2020, p. 6), Estados e Municípios precisaram implementar formas possíveis de atingir seus alunos e apoiar seus professores a fim de atingirem esse fim, pois eram norteados por “políticas educacionais emergenciais”. O “emergencial” é percebido como sentido sempre presente nos discursos governamentais e termos como “auxílio emergencial”, “políticas emergenciais”, “licitações em caráter emergencial”, passam a circular com frequência em nossa linguagem, nas condições de produção da pandemia supracitada, elencando discursos que apontam o período “atípico” e “desconhecido”, que passou a denominar também, o momento pandêmico que perdura por longo tempo. Emergencialmente também, foi preciso reinventar-se, ressignificar a prática

cotidiana em confinamento, seja ela familiar, corporativa ou educacional.

(DES)TERRITORIALIZAÇÃO DA SALA DE AULA: A ESCOLA É MINHA CASA, OU MINHA CASA É A ESCOLA?

Durante o período pandêmico, acentuaram-se as reflexões e as discussões sobre o funcionamento dos espaços públicos e privados. Setores empresariais não mais funcionaram dentro de escritórios, o atendimento ao cliente passou a ser realizado de modo remoto e a escola, deixou seu território físico e deslocou-se, passando a ocupar espaço íntimo da casa, ou outros locais onde a internet concedesse acesso a professores e alunos.

Althusser (1985), ao definir os Aparelhos Ideológicos de Estado, evidencia a escola como mantenedora e reprodutora do poder vigente, um aparelho ideológico de ampla dominância. Pelo acontecimento social e discursivo da pandemia, a Educação, os espaços e os corpos sofreram ressignificações e deslocamentos consideráveis, atravessados pela política e pelo político a que foram expostos. Orlandi (2011, p.53) coloca que, “o espaço, é concebido como o enquadramento de todos os fenômenos. Nele, inscreve-se a relação entre o público e o privado, cuja base mais visível está nessa relação”. Podemos

conceber então, a partir do que Orlandi nos aponta, que as posições-sujeito e o sentidos que emergem dessa relação, são produzidos em função dessa relação e sentidos também são colocados quando há essa separação.

É importante entender que os significados e significantes se movimentam em relação a um dizer, porém, este lugar do dizer pré-construído sócio historicamente produz o efeito do lugar de fala, ou seja, a posição-sujeito; que em diferentes condições de produção determinam pela ilusão do dizer, a posição-sujeito homem, mulher, patrão, empregado, brasileiro, estrangeiro, aluno, professor, dentre outras.

Sabemos ainda que a linguagem e a história não são transparentes aos sujeitos. “No entanto, vivemos na ilusão da evidência. Quando produzimos um sentido, ele nos parece evidente. Mas não é. Tanto não é, que pode significar diferentemente para diferentes posições sujeitos. É deste equívoco que se alimentam as relações sociais” (ORLANDI, 2011, p. 53).

Se não produzimos os mesmos sentidos quando dizemos as mesmas palavras, quais novos funcionamentos podem ser produzidos na troca do espaço físico escolar para o espaço físico da casa? Quais relações são estabelecidas

entre professores e alunos neste “novo” espaço? O fechamento temporário da estrutura física da escola, produz quais sentidos para os diferentes sujeitos e suas posições, como por exemplo o morador do campo, o morador de uma grande metrópole e até mesmo o morador da favela? Observemos então, o funcionamento discursivo a seguir que se materializa em uma charge elaborada por Brum (2021), que representa uma comunidade cheia de barracos de madeira, amontoados sobre um morro, que ao seu entorno remonta a discursividade do que não faz parte do funcionamento do morro - o bairro – que produz sentidos de desproporção à realidade do morador do morro, prédios que com suas silhuetas cinzas produz sentidos de segundo plano, de não realidade aquele morador do barraco.

Ressoando da janela de um dos barracos, um diálogo é produzido: “Mãe, o que é essa tal de educação à distância?” – “Ora, menino, é como tá no nome... uma educação bem distante de nossa realidade.”

Recorte 1: Charge do Brum Chargista



Fonte: Jornal Prédio 3, 2023. Disponível em: <https://jornalpredio3.com/2021/05/19/a-desigualdade-no-acesso-a-educacao-evidenciada-pela-pandemia-do-covid-19-no-brasil/>, acesso 05/04/2023.

Ao observarmos o recorte acima, é possível compreender os efeitos de sentido postos pela pandemia do Coronavírus, deslocamento nos sentidos de ensino presencial, onde o *online* passa a ser a via de acesso à escola e seus processos, educação à distância (EAD) com cara de presencial, presencial mascarado de EAD ou ainda, seria essa, uma nova modalidade sem nome?

A significação cristalizada sobre o que é “distância” produz efeitos de afastamento, da desigualdade social que aparta as minorias de seus direitos, inclusive os da Educação, ou seja, a Educação proposta pelos órgãos regulamentadores é por demais distante da realidade de um morador do morro. Ao questionar a mãe sobre o que seria “a tal de Educação à Distância”, o discurso do menino produz além de sentidos de

desigualdades sociais, sentidos de desinformação, afinal, a expressão “a tal de Educação” sugere o desconhecimento dessa metodologia que já ouvira falar, mas é distante de sua realidade. Vale a pena dizer, que não só os moradores do morro desconhecem ou não possuem acesso à internet e seus aparatos, mas também muitas outras comunidades brasileiras, como os ribeirinhos do norte, os moradores do sertão nordestino, os habitantes de comunidades rurais do interior dos estados, enfim, minorias que precisaram se submeter ao novo molde educacional. O advérbio de intensidade “bem” no dizer “bem distante de nossa realidade”, mostra o efeito de quão distante essa modalidade de Educação está da favela.

O fechamento do espaço escolar, traz um recorte social importante de ser observado por diferentes ângulos: novos percursos são traçados, novos desenhos são feitos, são redesenhados novos limites entre o público e o privado, o que acentua e escancara a divisão entre os mais ricos e os mais pobres.

Aqui, vemos, na pandemia, a escola – espaço institucional de educação, passar a funcionar por meio de um aparato tecnológico (que nem todos têm acesso) e dentro das casas, ou espaços eleitos por alunos, professores e

comunidade escolar. A escola então, ultrapassa os muros sociais - quase intransponíveis - e passa a (co)existir em espaços familiares, convivendo também, com inúmeras outros funcionamentos que esse espaço comporta, dessa forma, “individualizam-se as respostas sociais aos problemas que são comuns a todos e reduz-se, assim, o espaço da sociabilidade” (ORLANDI, 2011, p. 68).

A casa sendo pensada enquanto espaço escolar, desloca a significação do que vem sendo discursivizada como escola, ou seja, a sala de aula passa ser outra não só pelo aspecto físico, mas também em aspecto simbólico, onde o “lugar da escola” torna-se confuso em relação ao seu funcionamento, gerando descompasso não só em relação ao processo de ensino-aprendizagem, mas também à interação social, que se dá de forma outra (ou nem se concretiza), seja no relacionamento entre alunos, entre professores, entre colaboradores.

Há uma memória que se reproduz (interdiscurso) na discursividade da Educação à Distância, de alguma forma descredibilizando a modalidade face ao presencial.



Fonte: Federação de Professores do Estado de São Paulo, 2023, disponível em: <http://fepesp.org.br/noticia/aulas-a-distancia-durante-a-quarentena-sem-reposicao/>, acesso 05/04/2023.

O recorte acima, mostra uma postagem da Federação de Professores do Estado de São Paulo - FAPESP - em seu site no dia 18/03/2020, no início do anúncio da pandemia da Covid-19 no Brasil, cujas primeiras ações de distanciamento social eram tomadas. A postagem traz como pano de fundo a montagem de uma sala de aula de moldes convencionais, onde um professor de costas escreve de giz no quadro negro. Percebe-se que se trata de uma sala de aula com alunos adultos bem próximos e sem uniforme, inclusive uma aluna à esquerda vira para apanhar algo em sua bolsa. A palavra “Vírus” ganha destaque na postagem, com fontes brancas em negrito, torna-se o ponto focal de quem vê tal montagem. Acima da palavra “Vírus” uma caixa amarela comporta os seguintes dizeres na cor preta, com a segunda frase em negrito: “Aulas a

distância durante a quarentena: sem reposição na volta às aulas”.

A postagem da FAPESP retoma a memória do dizer em que a Educação à Distância não seria tão boa quanto a Educação presencial, ou seja, ao mencionar “sem reposição na volta às aulas” é possível pensar nos sentidos contraditórios da negação, ou melhor, por qual motivo dizer que não haveria reposição, caso as aulas à distância possuíssem credibilidade? Outro ponto fundamental compreender é a discursividade produzida pela expressão “volta às aulas”, afinal, se haverá um retorno às aulas, subentende-se que o que acontecerá (as aulas à distância) não são consideradas aulas.

Nesta mesma análise, chamar este outro funcionamento de aula como “à distância”, produz sentidos de incerteza em relação a qual método utilizar, afinal estávamos no início da pandemia, e não sabíamos quanto tempo utilizaríamos tal modalidade – por isso “Aulas à distância durante a quarentena (sentidos de período curto)” e não “durante a pandemia” pois até então, ainda não se havia falado em aulas *online*, digitais, remotas, virtuais ou até mesmo *lives* – apontando para uma significação que trabalha no efeito que cola os sentidos de

Educação à Distância (EAD) a educação mediada pela tecnologia.

Todavia, participar do espaço escolar significa pertencer e desenvolver relações sociais de extrema importância, “há uma memória social que nos constitui de modo mais ou menos inconsciente” (ORLANDI, 2011, p. 74). O espaço escolar é espaço de interpretação, que funciona na/pela órbita do inter e intradiscursivo. Portanto a casa enquanto espaço simbólico também sofre deslocamentos, afinal o interdiscursivo sobre casa faz movimentar sentidos de família, descanso, lar, intimidade, dentre múltiplas outras significações. Logo questiono: Tanto o sujeito-aluno, quanto o sujeito-professor está preparado com abrir as portas de sua intimidade para outros sujeitos que não habituados a participarem deste espaço? Não é sem razão que os alunos proferem ficar com suas webcams desligadas, e os desenvolvedores de plataformas de aulas *online* criaram a possibilidade de inserirmos planos de fundo diversos durante as chamadas ao vivo. Orlandi (2011) aponta que isso traz consequências para o espaço e para seus habitantes. Para suas vidas.

É inegável que neste cenário de pandemia, as aulas quando transmitidas de forma síncrona (*online*), trazem a

possibilidade de o professor e os alunos estarem de alguma forma “juntos”, pela tela dos seus computadores ou/e celulares e, mobilizando efeitos de convivência, de proximidade - discurso sobre globalização, proximidade virtual sobrepondo a distância física.

Penso a Educação como um processo de que nos ensina “ser gente no mundo”, que lança mão, ao mesmo tempo que transpõe os aspectos conteudísticos do ensino-aprendizagem; é lidar com o real da vida, com as diferenças humanas e todos os seus desdobramentos, buscando vencer a ignorância não só do saber teórico, mas do saber ser.

Nesta pesquisa não busco tecer um parecer sobre a eficiência das aulas remotas, mas busco compreender o funcionamento discursivo entorno da Educação em tempos de Coronavírus, e por isso, é relevante observar as derivas produzidas pelas mudanças do espaço material da sala de aula. Conforme Lagazzi (2011), a materialidade confere limites à produção de sentidos, o que também quer dizer que pode haver mais de uma interpretação – enquanto tomada de posição diante da injunção a interpretar um objeto simbólico –, a partir de uma materialidade, mas não qualquer uma. Na pandemia, entramos

(os professores) sem convite na casa de muitos alunos, mas estes, também entraram em nossas casas.

A escola, enquanto espaço e acontecimento discursivo, comporta sujeitos que significam, e o espaço escolar torna possível essa significação por ser produtor de sentidos abertos a diferentes gestos de interpretação. “Entre elas, as interpretações de si. Dito de outra forma: corpo textualizando-se no espaço; Inseparáveis (ORLANDI, 2011, p.43). Foi necessário (des) territorializarmos e significarmos de novas maneiras esses espaços para a existência de práticas pedagógicas possíveis, que auxiliassem os alunos no desenvolvimento educativo. No ensino em casa, pela tela do celular ou no computador, nossos corpos convivem com outras singularidades, onde (em casa) não há tanta necessidade de limites e, em tempo real, outras situações podem surgir na tela.

O corpo a partir de sua discursividade ocupa seu lugar em um espaço material, ou seja, o corpo presente em determinados espaços materiais, imersos em condições de produção vigentes, apontam sentidos que se entrelaçam a determinados sítios discursivos.

“Dentro do campo teórico da Análise de Discurso, corpo e discurso se articulam. Assim como a língua, o corpo também possui suas falhas, as quais surgem como sintomas sociais e vêm carregadas de historicidade. Por meio do corpo, vemos a cultura e o histórico social do sujeito. Isso posto, o corpo olha e se expõe ao olhar das outras pessoas (PEREIRA, 2020, p. 16).”

No espaço digital, os corpos se constituem de uma outra forma, em conjunto com outros sujeitos que ali estão tomados pela ambiência da Educação. Esses corpos constituem esse movimento educativo *online* e “emergencial” em período de pandemia – o corpo-docente e o corpo-discente produzindo o corpo-virtual da Educação.

Nós, educadores, fomos convocados a desenvolver e aprender diferentes formas de conexão e atração do aluno ao novo modelo, para que, de diversas formas, permanecêssemos no movimento de conectividade. A conectividade é um elemento do laço social contemporâneo e dos processos de identificação dos sujeitos, como aponta Dias (2014).

Apoiados pelo discurso sobre o “novo normal”, é importante mencionar as mudanças do ofício docente, como por exemplo o *home office*, utilizando

recursos próprios para que as aulas acontecessem, como computador e internet; sem falar do ritmo frenético das adaptações e novas realidades. Houve necessidade de conciliar atividades rotineiras com o horário em que se estariam na instituição e orientados à reinvenção das práticas e de nós mesmos, tudo isso envolto à intervenientes atípicos à uma aula – cachorro latindo ao fundo, filhos solicitando coisas, campanha tocando, cônjuges atravessando o espaço da tela, enfim, uma nova realidade que precisou ser normalizada.

Muitos conteúdos foram criados durante a pandemia com relação às aulas virtuais, estes, frutos de produção de vídeos conteudinais direcionados aos alunos, ou até mesmo a gravação das aulas *online*, tendo seus links enviados aos alunos, que podem compartilhar com diferentes pessoas e em diferentes espaços. No entanto, me inquieto com a seguinte questão: Não haverá mais a partir deste funcionamento da Educação durante a pandemia, a privacidade da aula, tampouco o ineditismo do dizer (mesmo que seja um efeito)? O professor e os alunos passam a ser monitorados pelas ferramentas de gravação?

Seria uma possibilidade de preservar nossa intimidade, invadida com sala de

aula em casa, esconder ou ocultar o que acontece no interior de nossos lares ou seria talvez, uma oportunidade de embelezamento do lugar de onde se faz as transmissões? Podendo, todos, espiarem o interior de nossos lares, muitas significações podem vir à tona. Albuquerque (2005) define a intimidade como um campo de ações que incluem diferentes princípios: o discurso sobre si, a história pessoal, emoções, pensamentos e a vida cotidiana, que não é compartilhado com todos, mas sim, com um grupo conhecido de pessoas e, atravessados por nossas motivações, somos atraídos por essas ferramentas e suas possibilidades.

Para além daqueles que desfrutam da possibilidade de conectarem-se, existem também os mantinham seus corpos em casa, ocupando um espaço de proteção do vírus, mas numa escola de lugar nenhum e na incerteza de quanto tempo ficariam longe dos bancos institucionais. Roveré (2020, p.65) infere que “o corpo que não tem acesso à instituição de ensino, às oportunidades em razão de sua condição financeira ou à internet devido ao ensino remoto, também é um corpo aprisionado”. Estar próximo ou distante da instituição, traz a comunidade para um lugar de não acesso, de menor interação com a

Educação e para o fazer educacional, a relação entre escola e comunidade significa de forma importante.

DAS POLARIZAÇÕES AOS DESLOCAMENTOS NOS SENTIDOS DE AULA

A crise iniciada com a pandemia de Coronavírus surgiu ao brasileiro em meio a contextos políticos e sociais conturbados. Com a possibilidade de rapidamente ter-se um colapso na saúde, imaginava-se que muito precocemente teríamos uma tragédia traduzida em número de mortos. Mbembe (2016) descreve o poder dos governos decidirem quem viverá e quem morrerá como necropolítica. O autor explica que a soberania em si, expressa o direito de decidir sobre a morte, e podemos perceber em discursos como “Alguns vão morrer? Vão morrer. Lamento, essa é a vida” (2020), dita pelo representante do poder político mais alto da nação, mobilizando sentidos de necropoder evidenciado por Mbembe (2016).

A polarização da Educação pode ser percebida, na pandemia, com relação ao acesso dos alunos que, em rede privada, passaram a receber transmissões das aulas, acessar aplicativos desenvolvidos para entrega de atividades e ter contato com múltiplas plataformas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem. Os professores trabalharam e se

reinventaram de forma próxima à exaustão, a fim de contribuírem para manter elevado o padrão de qualidade esperado pelos alunos e pais, clientes do sistema educacional com altas expectativas sobre o modelo. Em contrapartida alunos de redes públicas, locais remotos ou mesmo contextos mais empobrecidos foram deixados a viver a morte-em-vida, expressa por Mbembe (2016).

A escola que recebe e acolhe alunos de todas as localidades e oferece convívio, desenvolvimento do conhecimento e alimentação à essas crianças, não é mais acessível e aos mais pobres, que têm pais que precisam trabalhar, é oferecida a possibilidade de ficarem aos cuidados de avós, vizinhos, irmãos mais velhos ou em abandono, contando com seu cuidado próprio e com todas as dúvidas sobre a volta à escola.

Sem acesso à internet, a parcela que consegue cumprir as atividades propostas é pequena e muito precisou ser feito para suprir a existência e o funcionamento social das aulas presenciais. A proposta de Paulo Freire (1970/1987) sobre o inédito viável vem oferecer novas perspectivas, disseminadas entre os profissionais da Educação. Nunca foi tão urgente irmos além daquilo que temos enquanto

possibilidades, foi preciso ir além do que se conhecia, além do que já se viveu e nós, professores, “com nossa história, nos tornamos uma ferramenta para criar o possível” (BATISTA, 2011, p.33).

A possibilidade de reestruturação da existência da escola, da (des)territorialização e da transposição de limites que antes eram impensáveis, também se revela como uma marca social e desse movimento, deslocamentos ocorreram sobre a sala de aula e sobre a própria nomenclatura “aula”, que passou a ter várias formas de existir, significar e produzir sentidos. A realidade dos fatos sobre as aulas, passa a ser posta como é e não como gostaríamos que fosse, isso nos faz agir buscando examinar as potencialidades para realização do “papal” da escola - como disse acima, contribuir para que os sujeitos sejam gente no mundo.

Muito se discute sobre a significação da modalidade utilizada no período da pandemia, e há uma tendência na polarização dessa significação como Educação à Distância (EAD), que produz funcionamentos a partir de um espaço virtual, muitas vezes viabilizados por espaços de aprendizagem virtuais, sem a presença física da escola e seus interlocutores. Ao buscar linearizar a significação de tal modalidade, são

silenciadas todas as possibilidades do que vem a ser uma aula, dicotomizando entre o EAD e o presencial, ou seja, o estar fisicamente e o não estar fisicamente.

Partiremos então, para as nomenclaturas dadas aos principais formatos de aulas existentes no período da pandemia. Vale, porém, trazer primeiramente, que o modelo utilizado em nossas escolas antes da pandemia e dos decretos e orientações para fechamento das escolas era o modelo *presencial*, que conforme o Dicionário Aurélio *online*, “é relativo ou pertencente à pessoa presente, a quem está no local onde algo está acontecendo. Feito na presença ou à vista de alguém: curso presencial, visita presencial, aula presencial” (2021).

Não sendo mais possível a manutenção do modelo presencial em tempo pandêmico, vimos também emergir a nomenclatura aula *semipresencial*, onde temos, segundo o dicionário, a ideia de metade, de quase, como em semifinal. Teríamos então, uma quase presença, impedida pelas medidas emergenciais adotadas em momento pandêmico. Percebe-se neste funcionamento a tentativa (efeito) de minimizar o funcionamento virtual,

considerando o presencial em soberania ao virtual.

As *aulas online*, por sua vez, de acordo com a nomenclatura e sua etimologia segundo dicionário, funcionam de modo a estar numa conexão ou “na internet” no exato momento em que acessa. É aquilo que se pode acessar pelo por algum aparato conectado à internet. O *online* produz sentidos de contemporaneidade, da rapidez e dinamicidade posta pela internet – tempo real que produz um outro espaço de significação, o da conectividade. No mesmo sítio discursivo da conexão, tem-se também a apresentação de *aulas remotas*, que apontam para sentidos de “presença distante”, ou seja, efeito de depreciar as perdas vivenciadas pela virtualidade, através do ao vivo.

Nesta dualidade produzida pelo virtual e o presencial, vale a pena entender que a virtualidade se ancora na formação discursiva da não presença física, por exemplo, as aulas gravadas, que tocam os sentidos da não interação humana. O relacionamento, o toque e a interação humana são supra valorizados em tempos de Coronavírus, afinal, latino-americanos que somos, ser impedidos do contato físico social aflora

comparações alvoroçadas entre o presencial e à distância.

Podemos dizer então que a nomeação das aulas como *híbridas*, realiza um pseudo disfarce em relação à discursividade do virtual? Onde os encontros presenciais buscam compensar as perdas desenroladas pela Educação à Distância?

Vale salientar que muitas ferramentas ditas informais participaram da composição das aulas em tempos de pandemia, como por exemplo WhatsApp, permitindo interação com o professor, gravação de áudios entre professor e aluno e mensagens, para receber atividades e tirarem as dúvidas existentes – provocando também a quebra da privacidade e do horário de trabalho do docente.

A flexibilização do ensino no período pandêmico se fez necessária, pois era preciso, a todo momento, considerar fatores como acesso à internet, acompanhamento dos alunos, canais para comunicação ou disponibilização de atividades aos alunos sem acesso a computadores e muitos meios foram criados para atingir ao máximo o alunado. Uma das estratégias adotadas em Minas Gerais é a entrega de PET (Planos de Estudo Tutorado), onde o aluno poderia, em

caso de baixa renda e dificuldade de acesso, retirar o material apostilado na escola ou baixar a versão em PDF para realização e posteriormente enviar fotos aos professores por meio dos celulares de seus pais.

Outros termos foram incorporados à prática educativa e, no retorno dos alunos às escolas, temos os *rodízios* em aula, divisões nas turmas que visam possibilitar o acesso dos alunos ao ensino presencial e manter o cumprimento dos protocolos nesse período.

Com as salas de aula físicas em risco, impuseram-nos diferentes espaços materiais como sala de aula, onde foi possível compreender novos funcionamentos em relação ao ensinar e ao aprender.

MATERIALIDADES OUTRAS DA PRESENÇA

Com a pandemia, além de novas nomenclaturas para determinados momentos educacionais, encontramos também a possibilidade de resignificação da presença dos alunos. A presença, lugar histórico e social em que os sujeitos enunciadores de determinado discurso se encontram, envolve o contexto e a situação e intervém a título de condições de produção do discurso (DIAS e COSTA, 2017). Não se trata então, de uma

realidade física, mas antes, de um objeto imaginário socioideológico, como complementam as autoras.

As pessoas se apropriaram de vários meios para se conectarem nesse novo cenário digital. Alguns prepararam um local na casa para montar então, sua sala de aula. Pais providenciaram e combinaram com seus filhos qual o local ideal para manterem os estudos (nas escolas particulares as aulas permaneceram transmitidas em tempo real), alunos precisaram de suporte e apoio em casa e alguns, utilizaram-se dos aparelhos de seus familiares para se aproximarem da realidade da sala de aula: para se fazerem presentes nesse processo. Houve inclusive, flexibilizações em relação à presença nas aulas remotas, ou seja, alunos foram liberados para assistirem as aulas gravadas, sem sofrerem prejuízos em relação à presença institucionalizada pela típica “chamada”.

A importância de manter, além dos estudos, fios de sociabilidade, constituiu-se tanto no incentivo ao coletivo, quanto nos momentos de trocas de experiências do que se vive em confinamento. Na escola, criamos vínculos que extrapolam seus muros. A presença física na instituição escolar, que tínhamos antes, a sociabilidade e interação presenciais,

sofrem com a dinâmica no sistema remoto *online*, produzindo assim relações frias e até mesmo precárias.

Para a Análise de Discurso, “não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito” (ORLANDI, 2012, p. 93). A presença, invade um processo de inscrição que identifica um corpo como forma-material unívoca.

Orlandi (2017) trabalha com a noção de presença, ligando o corpo, a memória e o sujeito, lembrando que, enquanto materialidade específica do sujeito, o corpo se configura como historicidade da existência, um corpo político-simbólico investido de sentidos na formação social. Assim, não se trata de um corpo materializado, físico em sala de aula, mas um corpo textualizado, apresentado que também evidencia sentidos em presença. A corporeidade nas aulas *online*, funciona de outra forma, um corpo, presente, de forma virtual.

Ponto assim, uma expressão muito disseminada durante a transmissão das aulas: “ele está aqui só de corpo presente”. O aluno que liga a câmera, permite ver-se enquanto a aula transcorre, mas o aluno que não deixa sua câmera ligada, abre margem para uma gama de interpretações sobre ser presente, estar presente naquela situação.

Estaria este aluno, em frente ao computador trabalhando em suas atividades escolares? Estaria prestando atenção ou desenvolvendo outras atividades que não as da aula? Esse aluno, está de fato, próximo ao computador?

São tecidos, a partir desse ponto, diferentes interpretações que trazem possibilidade para significações outras, muitas vezes, a partir de situações ocorridas e gravadas pelas câmeras.

Recorte 3: Matando aula



Fonte: Twitter, 2023. Disponível em:

<https://twitter.com/escoladepress1/status/1370344906858889216>, acesso 05/04/2023.

O recorte acima traz em sua montagem o efeito de comparação, ou seja, a criação de um paralelo sobre a representação do que era “matar aula” nos anos 1990 e do que é “matar aula” em 2021, este último nas condições de produção da pandemia do novo Coronavírus. A frase “matando aula” sugere a base de interpretação das

imagens, que à esquerda mostra uma pessoa com mochila nas costas pulando um muro – resgatando a memória dos alunos que fugiam das escolas décadas atrás, sendo significados como “matadores de aula”.

Vale a pena observar a forma que a palavra “matar” se relaciona com a palavra “aula”, produzindo a expressão “matar aula”; em que além dos sentidos relacionados a ação de matar na formação discursiva de “pôr fim”, os efeitos de rebeldia, anarquia compõem um lugar diferente de significação. Os muros físicos da escola são transpostos pelo aluno que se nega permanecer neste espaço - Desafio à liberdade? Ato de resistência em relação ao processo educacional? -, que por ora provoca elucubrações em torno dos sentidos de aula. “Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão por acaso, mas pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 1987, p.31).”

Contudo, a dinâmica de não sair pela porta oficial de entrada/ saída da escola, pulando os muros numa tentativa de fuga é significada como “matar aula”, ou seja, o ato cruel de matar não se associa por outro elemento a não ser a “aula”, ritual

máximo do processo educacional que toma corpo de sagrado, cujo aquele que se opor à participação, será considerado uma espécie de assassino do processo.

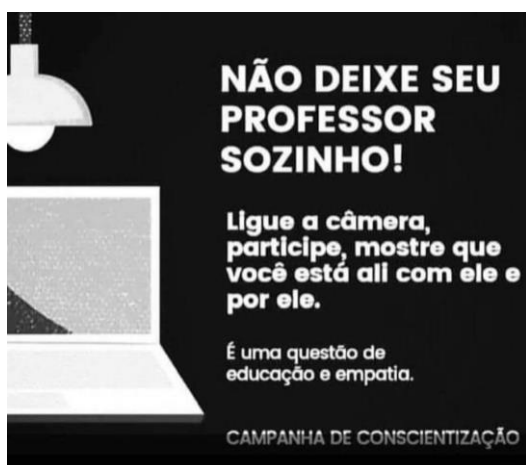
Do lado direto da postagem, o retângulo preto faz alusão a uma janela de alguma plataforma de transmissão de vídeo chamadas, tanto com as funções de vídeo, quanto de áudio desativadas, produzindo efeitos de ausência, de escuro, apagado. Ambos os ícones – microfone e câmera – com o traço perpendicular os atravessando, remonta os sentidos de proibição, travamento ao acesso do que está do outro lado da tela, neste caso, o aluno.

De modo satirizado, tanto a imagem apoiada na década de 90, quanto a imagem que representa 2021, toca a questão da presença - encarnada, virtualizada - corporificação do estar de modo outro, corpo que se dá pelo digital, pelo movimento do “novo normal” da Educação e suas práticas; aula que produz efeitos de temporalidade, provisório com jeito de permanente.

O incômodo tanto pela ausência física, quanto pela presença virtual (que põe em dúvida a presença a partir da falta do corpo em movimento), produz sentidos de solidão, e esta potencializada pelo isolamento social.

Abaixo temos um recorte que circulou com uma certa frequência em meados de 2020, época que as aulas denominadas *online* e ao vivo se disseminavam nos “novos” espaços educacionais.

Recorte 4: Campanha - Não deixe seu professor sozinho



Fonte: I Funny, 2023. Disponível em: <https://br.ifunny.co/meme/e-serio-nao-deixe-seu-professor-sozinho-rticpe-camera-que-BrmfOuqw7>, acesso 05/04/2023.

A postagem que trazia como efeito de apelo uma campanha de conscientização, era composta por um quadrado com o plano de fundo preto, um notebook e uma luminária à esquerda com os seguintes dizeres em caixa alta: “NÃO DEIXE SEU PROFESSOR SOZINHO!”. Em seguida, no imperativo uma outra sequência: “Ligue a câmera,

participe, mostre que você está ali com ele e por ele.”; por fim a seguinte frase: “É uma questão de educação e empatia.”.

A luminária sobre o notebook em um ambiente escuro, marca os efeitos produzidos pelos sentidos de solidão, ao mesmo tempo que sugere destaque à sala de aulas, que agora passa a acontecer pela materialidade digital. A falta da presença física é tão forte, que o ato de não ligar as câmeras e nem os microfones põe em funcionamento a memória da ausência, da aula sendo “morta” pelos alunos, e consequentemente o professor sofrerá com tal consequência, experimentando a solidão de dar aula para si, uma vez que com as demais câmeras desativadas, a auto projeção toma conta da plataforma - efeito de espelho - e nem sempre estamos preparados para lidar com o que está sendo refletido. Em suma, a significação de aula se dá pela presença física do educador e seus educandos, corpo fazendo sentidos pelos seus movimentos – *Gestos-Sentido*¹ produzindo a vivacidade da aula.

Um furo na linguagem se constitui pela convocação - se é convocação, inclusive no imperativo, trata-se de uma

¹ “[...] fala sem palavra, lugar da discursividade que funciona como uma voz que ecoa mesmo no silêncio da voz, mas na presença do gesto, do movimento–gesto-sentido – deslocamento do corpo-sentido, que,

enquanto corpo fisiológico/ biológico/ orgânico, funciona como corpo social, significado pela e na historicidade, dizeres que se entrelaçam e produzem sentidos” (PEREIRA, 2021, p. 15).

campanha de conscientização, ou uma obrigatoriedade/ repressão velada? - aos alunos para ligarem suas câmeras e microfones, associando a participação somente através do acionamento desses dois comandos, silenciando todas as outras formas de participação e interação no espaço virtual.

Não é suficiente só “estar ali”, mas é preciso “mostrar” que se está ali - “[...] mostre que você está ali com ele e por ele.”, e não de qualquer modo, mas “com ele” (o professor) e “por ele”. A preposição “com” aponta para sentidos de união, participação, apoio ao professor, que em tese se sente sozinho; já preposição “por” mobiliza efeitos de empatia, compadecimento e sacrifício. Portanto, dizer que ligar a câmera, o microfone e participar da aula ao vivo e remota “É uma questão de educação e empatia.”, fortalece o discurso autocrático que funciona na e pela postagem.

Um movimento de interpretação imerso no funcionamento ideológico (DIAS e COSTA, 2017). A presença é percebida então, enquanto espaço de inscrição do sujeito e do sentido, formulados a partir de situações discursivas.

Trata-se, aqui, de um corpo expandido no confronto com o real:

acontecimento do sentido na tela do computador, no “efêmero absoluto de seu encontro”, conforme diz Orlandi (2012, p. 101). Em sentido estrito, o corpo não é somente a carne, empiricamente observada, é atravessado pela discursividade e a partir de certo imaginário pela presença que impõe (DIAS e COSTA, 2017).

Mais, muito mais do que “corpodiscurso”, como denomina Leonel (2010), é presença, uma presença possível pelo digital e que neste sentido, é aquilo com o qual o outro se relaciona, “laço mínimo”, onde o corpo é o elemento efêmero, mas a presença é o acontecimento naquele momento. “Uma ideia eterna incompleta na experiência instantânea de seu término” (BADIOU, 2002, p. 99). De diversas formas, a presença se fez durante este período atípico do ensino e da sociedade, ressignificando modos de ser, estar e existir no mundo – atravessado pela conectividade.

EFEITO DE CONCLUSÃO

Ainda distante de uma finalização do assunto, quando falamos em Educação na pandemia, tecerei tomado pelo efeito de finalização algumas interpretações mobilizadas neste trabalho.

Vivemos uma nova adaptação e um novo arranjo, significado como “novo normal”, cujo o urbano se dá de outra forma, os processos cotidianos e esporádicos também sofreram deslocamentos e deslizamentos em relação à “normalidade” institucionalizada (efeito de normalidade).

Compreender o mundo e seus sujeitos é vital, pois singularidades funcionam pelo movimento de ser quem se é, não por um processo biológico natural, mas por um constructo socio-histórico-ideológico – sou quem sou pela interação do que o outro é, ou está sendo, portanto também sou e estou o outro.

Além de uma batalha sanitária, econômica, política, social, dentre outras; travamos uma forte luta pela/ para a Educação na busca ardorosa da aproximação, mesmo que sendo efeito. É preciso entender que a vivência da pandemia provoca outros funcionamentos na sociedade, e a comparação com os moldes anterior a pandemia torna-se injusto, afinal, novas discursividades e significações são produzidas. Por isso, não é sobre julgar o antes face ao agora, mas compreender que este “novo normal” nos tornam descobridores de mundos distintos o todo instante, eis o movimento da vida.

O aperto de mão desliza para a colisão de mãos fechamos em punhos cerrados no simbólico dos cumprimentos; o trabalho em casa (home office) acomete as relações familiares e vice-versa; a presença passa a ser considerada a partir do corpo-virtual, sem membros, sem rosto se faz presente em uma outra materialidade mediada pelo digital. Os portões fechados das escolas (físicas) abrem à diversidade de janelas, escacaram portas novas que nem todos puderam experimentar. Indago se podemos afirmar a inauguração uma nova Educação, ou até mesmo uma Educação nova, mas certo sobre as marcas simbólicas que a pandemia da Covid-19 produziu no social.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BADIOU, A. **Pequeno manual de inestética**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BATISTA, Carolina Coeli Rodrigues. **As relações de poder em sala de aula: uma análise discursiva sobre a perda da autoridade do sujeito-professor nesse espaço**. João Pessoa, 2011. 138f. : il.

BRASIL. Ministério da Economia. **Boletim Macroeconômico**. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-de->

[conteudo/publicacoes/boletins/boletim-macrofiscal](#). Acesso em 08/10/2021)

DIAS, Cristiane. Análise do Discurso Digital: Um campo de questões. **EDISCO** - Vitória da Conquista •v. 10•n.2•p. 8-20•2016 •ISSN 2316-1213

_____. O ensino, a leitura e a escrita: sobre conectividade e mobilidade. In: Debate: Contribuição das Tecnologias da linguagem, para o ensino, a leitura e a escrita.

Entremeios: revista de estudos do discurso. v.9, jul./2014. Disponível em < <http://www.entremeios.inf.br> >

_____. Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

DIAS, Cristiane; COSTA, Greciely . Corpo-presença: um outro discurso. **ILINX – Revista do Lume**. Disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/589>. Acesso em 03/10/2021.

ESTEFOGO Francisco; FUGA, Valdete F; ZANELLA V. Daniela. As ingerências governamentais e o antídoto Freireano: **Arquétipo de resistência em tempos de necroeducação**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/lab/Daniela-vendramini-zanella-Lab>. Acesso em: 30/10/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática a Liberdade**. 17.ed. Rio de Janeiro, 1997.

LAGAZZI, S. A equivocidade na circulação do conhecimento científico.

Linguagem em (Dis)curso, vol.11, n.3, Tubarão, Set. Dez. 2011.

LEONEL DE SOUZA, L. O Discurso Encarnado: ou a passagem da carne ao corpo discurso. **Entremeios**, v. 1, p. 9, 2010.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, Estado de exceção, política da morte**. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf> Acesso em: 3/10/2020

ORLANDI, E. P. **Discurso e Argumentação: um observatório do político**. In: Fórum Linguístico, n. 1, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso**. Campinas: Editora RG, 2010.

_____. A casa e a rua: uma relação política e social. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 693-703, set./dez. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/diego/Downloads/18491-93165-1-PB.pdf>

_____. **Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia**. 202. Disponível em: <file:///C:/Users/diego/Downloads/310-Article%20Text-4534-1-10-20210208.pdf>. Acesso em: 03/10/2021.

_____. História das ideias x história de vida. Entrevista com Eni Orlandi. In. SCHERER, Amanda. **Fragmentum**, n. 7, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/6349/3855>. Acesso em: 09/10/2021

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento.** Tradução por Eni P. Orlandi. 7a edição, Campinas: Pontes Editores, 2015.

PEREIRA, Diego Henrique. **(Só)Riso? O sorriso como discurso:** pelo movimento do Gesto-Sentido. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ROVERÉ, Tarla. Desterritorialidades do corpo na instituição de ensino: uma fotoperformance como arte/educação. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha de Pesquisa: Educação em Artes e Processos de Formação Estética, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.